

A Architectura Portugueza

REVISTA MENSAL

DA

ARTE ARCHITECTURAL

ANTIGA E MODERNA

Collaborada por architectos e escriptores d'arte portugueza

ANNO V — N.º 10

OUTUBRO DE 1912

SUMMARIO

Casa do Ex.^{mo} Sr. João Vaz — *Nunes Collares*
Projecto da casa — *M. Bigaglia*
Intercalares XIX e XX do projecto.
Architectura Dinamarqueza

ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

Trimestre	7000	Para os paizes da união postal	
Semestre	12800	Anno	47500
Anno	32600	Annuncios pela tabella con-	
Avulso	2400	forme o espaço	

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DA CONCEIÇÃO DA GLORIA. 40

✻ ✻ ✻ ✻ LISBOA ✻ ✻ ✻ ✻

TYPOGRAPHIA CESAR PILOTO
38, R. DA CONCEIÇÃO DA GLORIA

✻ ✻ ✻ ✻ LISBOA ✻ ✻ ✻ ✻

A ARCHITECTURA

Revista mensal
de construção
e de architectura pratica

Editor, Director e Proprietario — **Nunes Collares**

Secretario da Redacção — **Mario Collares**

Composto e impresso na Typ. CESAR PILOTO — 38, R. da Conceição da Gloria, (Avenida)
Photographias do Sr. Manoel Manaças—Gravuras de P. Marinho

PORTUGUEZA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA CONCEIÇÃO DA GLORIA, 38 e 40 — LISBOA

Casa do Ex.^{mo} Sr. João Vaz

No Alto do Dáfundo

Architecto, sr. N. Bigaglia

E' já fallecido, prematuramente, o grande artista, que se chamava Nicola Bigaglia e que deixou o seu nome illustre vinculado a obras importantes dispersas pelo nosso paiz.

Estrangeiro de origem, era portuguez pelo coração, e, em Portugal, que muito amava, como sua patria adoptiva, fez toda a sua brilhante carreira de genial artista.

O fallecido Emygdio Navarro, quando sobraçou a pasta das obras publicas, onde prestou relevantes serviços ao paiz, um dos quaes foi criar as escolas industriaes, fez com que Bigaglia viesse dirigir uma d'essas escolas. Dotado de um temperamento artistico, desenhador intelligente e aguarelista primoroso, depressa o illustre professor conseguiu evidenciar-se no nosso meio.

São d'elle os projectos de muitas edificações notaveis, em Lisboa e em outros pontos do paiz, entre os quaes, nos lembra, em Lisboa, a casa do sr. José Leitão, na rua Marquez de Fronteira; a do sr. Mario Guimarães Pires de Aguiar, na avenida Fontes Pereira de Mello; a do sr. Manuel Motta Nogueira, na rua Fernão Lopes; as dos srs. Marcelino Branco e Pereira de Mattos, na avenida Duque d'Avila; as dos srs. Angelo Izabella e João Borges Alves, na avenida da Republica; a do sr. Lima Mayer, na avenida da Liberdade, que obteve o premio Valmôr; e a do sr. Lambertini, tambem na avenida da Liberdade, e a sala de jantar do sr. M. F. Costa Neves, na rua Roza Araujo. Fóra de Lisboa, a do sr. Nianoel de Azevedo Gomes, feita de calhaus rolados, em Parede; a do sr. Mattos Mendes d'Almeida, na Praia da Granja; o palacio do sr. visconde da Lagôa, em Silves; a igreja de S. Francisco e annexos, em Leiria e a restauração do palacio e quinta da Insua, em Castendo, districto de Vizeu, pertencente ao sr. Manuel de Albuquerque.

Por esta pequena lista se vê quão importante foi a obra de Nicola Bigaglia no nosso paiz, apesar de a maior parte d'estes trabalhos já serem feitos quando se achava assoberbado pela horrivel doença que o victimou.

Não era só nos projectos de edificios que mostrou a sua grande competencia. Foi tambem exímio na decoração, tendo officinas que creou, educando artistas para cada especialidade.

A doença, que, pouco a pouco, mais o ia minando, fez com que não podesse pôr em obra o seu grande projecto, que era fazer um livro sobre a arte em Portugal, com os apontamentos e desenhos que reproduzia no seu interessante album,



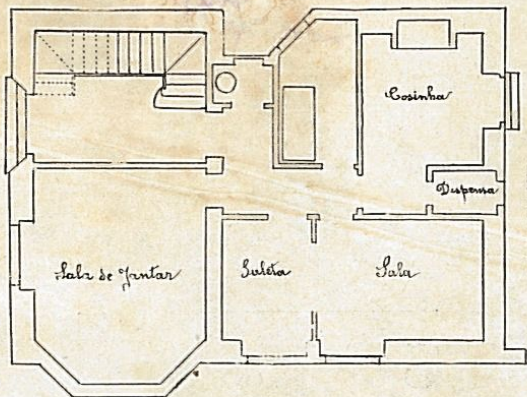
Detalhe da fachada principal

nos diversos pontos do paiz que percorria ameadadas vezes, antes que a doença mais o acabrunhasse.

Na esperança de obter algumas melhoras a sua pertinaz doença, que era d'aquellas que não perdoam, foi para Veneza, sua terra natal, para junto dos seus irmãos, tambem insigues architectos, mas, baldada foi essa esperança, pois que fallecia

a 8 de outubro de 1908, deixando fundas saudades em Portugal, onde era muitíssimo estimado pelas suas bellas qualidades de caracter.

Escrevendo aqui estas notas sobre o architecto que pro-

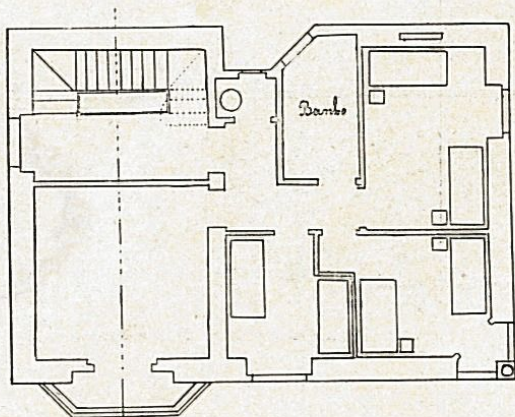


Planta do rez-do-chão

jectou a casa que hoje publicamos, prestanos tambem uma sincera homenagem ao distincto artista, com cuja amizade nos honrámos.

Fallámos do auctor do projecto; resta-nos dizer que o proprietario da casa, o distincto pintor de arte e illustre director da Escola Industrial Affonso Domingues, era um seu intimo amigo e assim se explica que o encarregasse da confecção do projecto da sua vivenda, talvez o ultimo trabalho, ou, pelo menos, dos ultimos trabalhos de Nicola Bigaglia.

Com bastante gosto, o architecto e o proprietario, fantasiaram a ereção da pequena, mas artistica vivenda, n'um dos pontos mais pittorescos dos arredores de Lisboa. De um horizonte maravilhoso, como aquelle que se disfructa do Alto do Dáfundo, a perder de vista, de um lado, ao subir o rio, grande



Planta do 1.º andar

parte da sua margem direita; em frente as ridentes povoações, semeadas por entre os escavados montes que defrontam com a capital; do outro lado, o Tejo até á barra e, além d'esta, até ao Occeano. Um deslumbramento!

Quadrava pois, bem, em tal sitio, uma construcção que tivesse, embora modesta, alguma cousa de invulgar.

A casa de um artista feita por outro artista, não podia, nem devia ser, uma cousa banal, composta de paredes de alvenaria com aberturas para portas e janellas.

E o lapis de Bigaglia, fez mais um dos seus prodigios, traçando a pequena vivenda, em que se attenderam todas as condições modernas, com balcão e janella de angulo na fachada principal e varanda de madeira na fachada lateral olhando para a barra e Oceano.

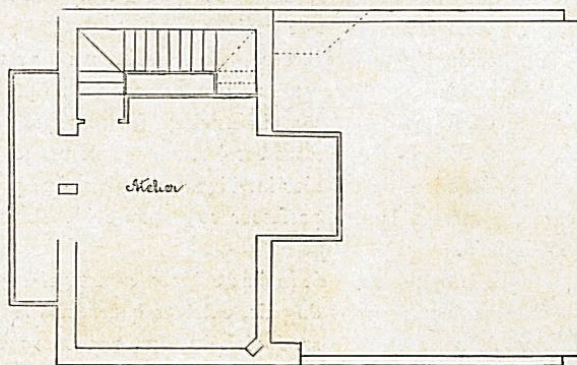
O ultimo pavimento onde foi collocada essa varanda, era o destinado para *atelier*.

No rez do chão a sala de jantar, saleta e sala, comunicando estas ultimas casas por meio de uma ampla porta, cuja larga abertura quasi que as tornam n'uma só.

N'este mesmo pavimento existe a cosinha, despensa, quarto para creada, W. C., e escada de comunicação para os andares superiores.

No primeiro andar são os quartos de dormir, de toilette, de banho, e W. C.

O segundo como já dissémos, foi destinado a *atelier*.



Planta do 2.º andar

Existe ainda a cave com bastante pé direito na frente, e em que se podem fazer quartos para creados e arrecadações.

A' frente ha um pequeno jardim, com portão de ferro, tendo pelo dito jardim comunicação para uma escada no lado nascente, que dá ingresso para a cosinha e outras dependencias.

A entrada principal é do lado poente do edificio, o qual tem tambem na rectaguarda um pequeno pateo.

Eis a noticia summaria do que é a pequena, mas interessante vivenda do illustre artista, sr. João Vaz, que um grande desgosto que o feriu, fez com que não fosse habitar.

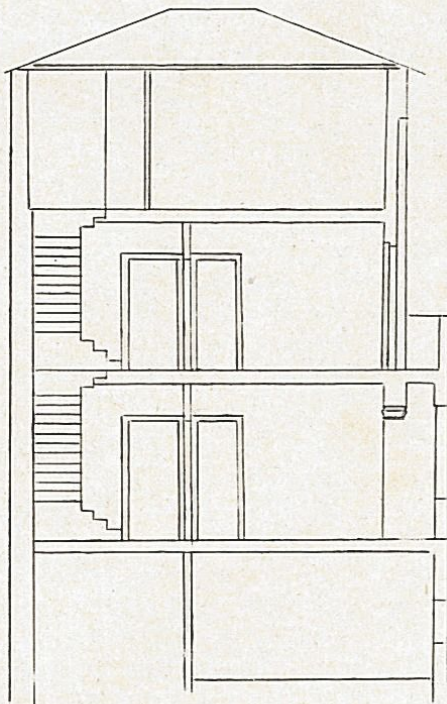
Pena é que tendo os moradores do novo bairro do Dáfundo, mandado fazer, á sua custa, o troço de estrada em cujas margens estão assentes as suas propriedades, a camara não tenha ainda tomado conta d'aquella obra, para a conservar, e tentar-se dar saida á nova e linda povoação pelo seu lado poente, de fôrma a vir ligar, em qualquer ponto, com a estrada ordinaria de Lisboa a Cascaes, podendo assim desenvolver-se mais o pittoresco bairro.

Talvez a iniciativa particular, auxiliada pela camara de

Oeiras, podesse tornar o Alto Dáfundo n'uma aprasivel estancia, não só para veranejar, como para invernar, pois que nos dizem que todas as casas que existem, estão occupadas por população permanente, visto a amenidade do clima ser superior de inverno ao de Lisboa e a facilidade de transportes, por electrico ou caminho de ferro, especialmente se se conseguisse, o que nos parece facil, que a Companhia dos Caminhos de Ferro, estendesse a primeira zona da linha de Cascaes, até ao Dáfundo, em lugar de terminar em Algés.

Desenvolver e fazer progredir os arredores da capital, descentralizando a população, é uma necessidade hygienica e economica, que já se teria melhor conseguido se, como n'outras capitães estrangeiras, os transportes para os seus extremos ou suburbios, fosse mais economico de que é entre nós. Mas, como se ha de conseguir isso se, por exemplo, a Companhia Carris de Ferro de Lisboa, que já leva caro pelo transporte para o Dáfundo, nos dias de semana, ainda eleva esse preço vinte réis por cada passageiro nos domingos e dias de festa!

Lá fóra entende-se que n'esses dias de descanso se deve facilitar á população das cidades os meios mais economicos de sair d'ellas e ir gosar o melhor ar dos campos e praias, barateando n'esses dias os preços. Aqui, entende-se o contrario.



Corte

O resultado d'essa reles exploração é que em lugar de se aproveitarem d'esses transportes dez ou doze mil pessoas, por exemplo, se fossem os preços reduzidos, pelos preços elevados apenas uma quarta ou quinta parte d'elles se utiliza, redundando em prejuizo para a Companhia, o que ella julga ser um bom *truc* administrativo!

Mas, não é só para os extremos da capital que a Compa-

nhia Carris de Ferro altera os seus preços nos domingos e dias festivos.

Quem morar, por exemplo, nas avenidas novas, junto ao



Perspectiva poente-norte

Campo Pequeno, paga ao domingo mais vinte reis pelo transporte. Isto, com a *lowarem* ganancia de fazer pagar mais caro aos *afficionados* que vão ás touradas, nos poucos domingos do anno em que ellas teem logar!

Não é, porém, só a Companhia a culpada dos actos pouco correctos que pratica com respeito a tarifas. Tambem tem sido, em grande parte, culpados, todos os que lh'o têm consentido, e que tem preferido beneficiar os interesses da Companhia em detrimento do publico. Oxalá que de futuro se olhe com mais attenção para a justa conveniencia do povo e se ponham de parte todas as outras, sem comtudo prejudicar os legitimos direitos dos que com o seu trabalho e capital, procuram honestamente fazer progredir os melhoramentos materiaes do paiz.

Mas, iamo-nos apaixonando pelo assumpto, em que muito ha que dizer, da viação electrica da cidade, mas, pômos ponto, pois não foi esse o fim d'esta simples noticia sobre a linda venda do illustre artista sr. João Vaz, ao qual estamos immensamente gratos pela fórma como pôz á nossa disposição os indispensaveis elementos para se fazerem parte das gravuras que ornam as columnas da nossa revista.

Architectura dinamarqueza

Acha-se ha tempos sobre a nossa mesa de trabalho uma bela obra escrita em dinamarquês, alemão e inglês e subordinada ao título *Dansk Arkitektur gennem 20 aar* (1) para darmos uma noticia bibliographica.

Magnifico in-4.º numa impressão invejavel, encerra nas suas 136 páginas de gravuras, exemplares curiosissimos e interessantissimos de casas de campo, edificios de correios, de companhias de seguros, de escolas, de moradias, de asilos, de egrejas, numa palavra, de toda a série de edificações exigidas pela vida social moderna.

Ha interiores de habitações que são encantadores (p. 133) e alguns estudos completos como por exemplo o palácio do Barão de Pléssens em Copenhague (125 a 128) em que se manifesta toda a capacidade artistica do architecto Godefredo Toede ou a exposição regional em Aarhus em 1909, onde variam as estilizações dos edificios provando a adaptação artistica do professor A. Rosen, (106 a 112).

Mas a par desses exemplares que só com as estampas á vista se podem apreciar, encontra-se no estudo historico da obra a que se faz referencia, uma série de ensinamentos que não devem ficar perdidos.

Demonstra com elles o sr. Guilherme Lorenzen que só são pequenos os paes que não teem coragem para se engrandecer e, embora o não diga, é a lição moral que se tira do que ele escreveu e de que val dar-se uma leve ideia em rápida excursão atravez da traducção inglesa do escrito a ele devido.

E' duvidoso que os nossos mestres estetas, que citam Ruskin talvez sem o terem lido, demorem os seus sapientissimos olhares sobre estas miserandas linhas dum tecnico que passou o melhor da sua vida a calcular perfis resistentes a cargas dadas e, se o fizerem, encolherão os seus artisticos ombros, sem dúvida numa linha hieraticamente estudada ao espelho.

Não é para esses *pachecos* que isto se escreve, nem tampouco para eles a afirmativa de que na história architectónica da Dinamarca na derradeira metade do seculo passado encontramos ensinamento para conhecermos o caminho a seguir na caracterização dum estilo nacional.

O exemplo dos ruskinianos já algures foi citado por quem isto escreve para mostrar como a Inglaterra soube formar uma architectura urbana, indo procurar-lhe as raizes nos edificios dos tempos da rainha Ana, mas adaptando á vida moderna inglesa aquela estilização vinda da Holanda e já em via de transformação. Não esqueceu sequer as características do cosmopolitismo dum povo para quem é pequeno o mundo, mas que em toda a parte conserva um feitio inconfundivelmente dominador, que admira Shakspeare ainda quando, no Hamlet, faz dizer ao coveiro que o príncipe da Dinamarca não desmanchará em Inglaterra, onde todos se assemelham na loucura ao que para lá vae, mas que não consente que o estrangeiro repita o que escreveu o seu grande trágico.

(1) *Dansk Arkitektur gennem 20 aar. 1892-1912. Samlet og udgivet af «Arkitektens» Redaktion ved K. Varming. Med indlende tekst of Vilhelm Lorenzen. Erslev & Hasselbalch. København.*

Hoje, o exemplo que se aponta ainda vem do norte, mas tem para nós a inapreciavel vantagem de provir duma nação que é rica porque assim o quer o esforço dos seus habitantes e não porque ella possuia esses valores capazes de dar a entender que um pais não é pobre.

Sem acidentações importantes do sólo, não possui as quedas de água que ministram energia motriz, nem se encontra nele qualquer vasto estuário de grande rio, cujo caudal represado supra com o volume a falta de declive para actuar turbinas que movam dinamos.

Tão avaro foi o solo que se não lavra para encontrar minerais, porque os não tem, nem sequer pedreiras que fizessem lembrar que o denticulado das suas costas maritimas e o número de ilhas que circundam a Jutlandia daria uma facil comparação com a Grecia.

Pobre e de pequena área, sem colónias, porque mal podem considerar-se como tais as pequenas ilhas de Santa Cruz, S. João e S. Tomás nas Antilhas e muito menos a Islandia, apesar de grande, mas já para dentro do circulo polar ou as Foerer, poeira quasi espalhada no Atlantico a norte da Escocia; victima da ambição sem escrúpulos de Bismark que lhe arrebatou o Sleswig-Holstein, a Dinamarca é um pais que enriqueceu nobremente porque os seus habitantes querem ser respeitados.

Assim souberam impôr-se na sciencia filológica com Madowig, no comercio exportador com o seu cooperativismo agricola e até na marinha mercante, cujo pavilhão encarnado com a cruz branca vem aos nossos portos e principalmente aos do sul da visinha Espanha buscar o mineral de que carece para a sua indústria.

Todavia a lição que a Dinamarca nos dá com a mais ingrata das expressões artisticas, a architectura, é de molde a fixar-se nas páginas duma revista que de architectura se ocupa e que se honra traduzindo o que consignou o sr. Vilhelm Lorenzen na sua preciosa obra *Dansk Arkitektur*.

Só lamenta quem isto escreve que o meio século de vida que já conta lhe não permita ainda adaptar o cerebro ao estudo da lingua em que escreveu o sr. Lorenzen, tendo que socorrer-se da traducção inglesa.

Cede pois gostosamente o logar.

MELLO DE MATTOS

*

A moderna architectura dinamarqueza encontrou muitas formas variadas de expressão. A selecção de obras architectónicas mostra-o aqui claramente, embora naturalmente não possa ministrar uma completa pintura daquilo que os dinamarqueses estão construindo e do modo como o fazem.

A dificuldade em o compreender amplamente existe não sómente na diversidade dos problemas construtivos da architectura moderna, como tambem na consequente distinção natural entre edificios monumentais públicos ou semi-públicos e particulares, cujo objecto essencial é a casa de habitação. Tambem permanece no facto de que a concepção individual do escopo e meios em architectura se afirma por si própria na Dinamarca inteiramente com tanta energia como em qualquer outra parte.

(Continua)

Casa do Ex.^{mo} Sr. João Vaz

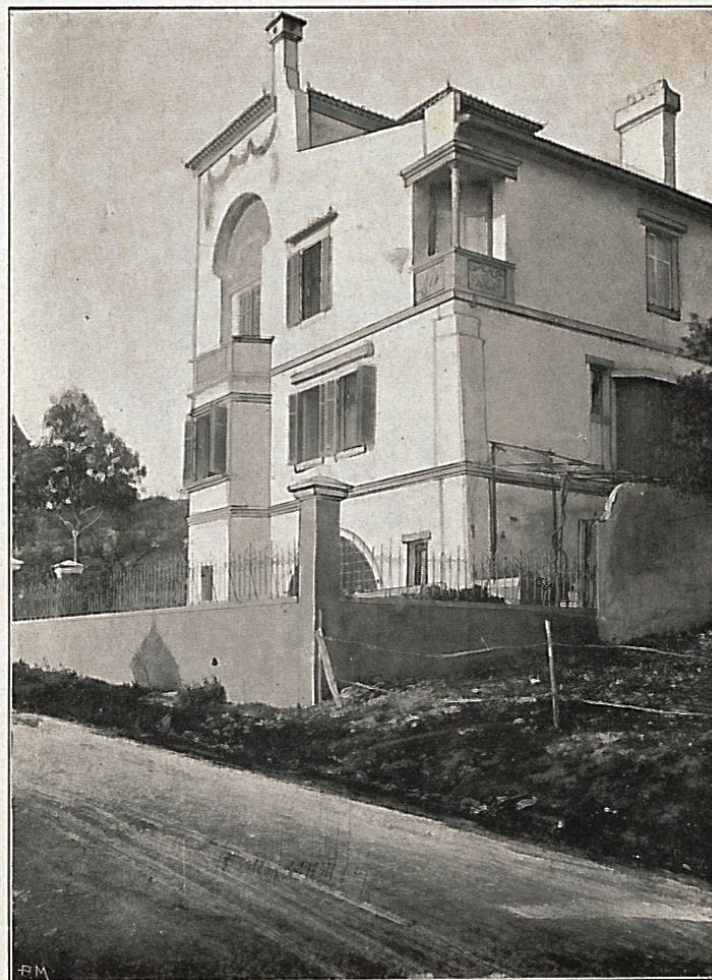
No Alto do Dáfundo



Fachada principal

Casa do Ex.^{mo} Sr. João Vaz

No Alto do Dáfundo



Perspectiva sul-nascente